



A Palavra de Deus humano-divina e a Evangelização. Aos cinquenta anos da *Dei Verbum*

Gods human-divine word and Evangelization.
Fifty years after *Dei Verbum*

Johan Konings*

Resumo

Aos 50 anos da Constituição *Dei Verbum*, cabe uma reflexão sobre alguns aspectos antropológicos e a influência dessa Constituição, especialmente na exortação *Verbum Domini* de Bento XVI, no Documento de Aparecida, do CELAM, e na *Evangelii Gaudium*, do papa Francisco. Partindo da consideração da palavra dialogal como espaço para o deixar-ser do outro, sublinha-se o caráter humano-divino da palavra de Deus, criadora e humanada em Cristo. A Tradição viva da Igreja, em cujo seio se configura a Escritura cristã como regra primeira da fé, guarda a *memoria Christi*, a Palavra presente na celebração e no anúncio, não só aos de fora, mas, com urgência atual, na formação permanente e na mistagogia dos que são considerados cristãos. Mas a *memoria Christi* se guarda e se interpreta, também, na práxis cristã vivida. Evoca-se esta complexa interação do humano e do divino, da memória e da presença, da palavra e da práxis da fé, com a intenção, sobretudo, de valorizar a palavra humana autêntica e dialogal, a serviço da humanação da Palavra de Deus, divinização da palavra humana.

Palavras-chave: Palavra de Deus. Bíblia. Dei Verbum. Evangelização.

Abstract

On the 50th anniversary of the Constitution *Dei Verbum* of Council Vatican II, we reflect about some anthropological aspects and about the influence of the document, especially on the *Verbum Domini* of Pope Benedict XVI, on the “document of Aparecida” (CELAM) and on the *Evangelii Gaudium* of Pope Francis. Starting from the consideration of the dialogic word as space of creative “letting-be” for the other, we highlight the human-divine character of God’s Word as creative and “humanized” in Christ. The living Tradition of the Church, that configures in its womb the Christian Scripture as a fundamental rule of its faith, keeps the *memoria Christi*, the Word present in celebration and announcement, not only to those who stay outside, but, urgently, in the permanent formation and mystagogical accompanying of those who are considered Christians. The *memoria Christi* is guarded and interpreted also in the Christian life praxis. So we evoke the complex interaction of human and divine, memory and presence, word and praxis of faith, in order to value specially the human word, if authentic and dialogic, at the service of the humanatio of God’s word, that is also divinization of human word.

Keywords: God's word. Bible. Dei Verbum. Evangelization.

Artigo recebido em 09 de julho de 2015 e aprovado em 10 de novembro de 2015.

* Doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain (Bélgica), e professor de Teologia Bíblica da FAJE. País de origem: Bélgica.
E mail: koningsj5@gmail.com

Introdução

No quadro do cinquentenário da constituição dogmática *Dei Verbum* (doravante DV) do Concílio Vaticano II, promulgada em 18 de novembro de 1965, dirigimos nosso olhar para seus efeitos recentes, mais especificamente no Sínodo dos Bispos de 2008, assumido na exortação apostólica *Verbum Domini* (VDom) do papa Bento XVI, e na recente exortação *Evangelii Gaudium* (EG) do papa Francisco.

O intuito deste artigo não é analisar os documentos conciliares ou os documentos que os continuaram nas décadas subsequentes, mas formular uma compreensão aberta a ulterior aprofundamento. Em primeiro lugar acentuamos que a Palavra de Deus se apresenta como palavra humana. Depois contemplamos o aspecto de evangelização, visado pelos documentos acima referidos. Estas considerações pretendem antes de tudo chamar a atenção para os pressupostos ântropo-teológicos, mas comportam também algumas observações mais de ordem pastoral.

Sublinhamos, em primeiro lugar, a palavra humana como “*Verbi Dei capax*”, ou seja, como potencialidade capaz de tornar Deus presente na vida da humanidade, ao modelo da encarnação de Jesus Cristo, que é – para usar a linguagem patrística – a “*humanação*” da Palavra de Deus e a divinização da natureza humana. Isso significa uma responsabilidade para a comunidade cristã, à qual é confiada a transmissão, ou Tradição viva, da autocomunicação de Deus.

1 Novos enfoques sobre a Palavra a partir da *Dei Verbum*

A XX Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, em 2008, tomou como ponto de partida o último capítulo da DV (“A Sagrada Escritura na vida da Igreja”), explicitando-lhe o enfoque missionário (“A Palavra de Deus na vida e na

missão da Igreja”, subtítulo da VDom). O acréscimo “na missão da Igreja” muito tem a ver com a premente necessidade que a Igreja Católica está sentindo diante da mudança do panorama religioso mundial, da diminuição proporcional do número de cristãos e do esvaziamento das comunidades católicas, sobretudo no Primeiro Mundo. Precisa-se de um novo empenho missionário: a *missio ad gentes* precisa ser redirecionada para “nossa gente”. Necessita-se de uma “nova evangelização”¹.

Importante também foi a substituição do termo “Sagradas Escrituras” por “Palavra de Deus”. De fato, a Palavra de Deus é maior que a Bíblia (VDom, n. 7). Não basta dar maior visibilidade à Bíblia; os cristãos e toda a humanidade devem ser atingidos pelo mistério envolvente da autocomunicação de Deus, sua “fala” no sentido mais amplo. Comentaremos primeiro este tema, para depois voltar ao tema da missão evangelizadora.

1.1 Palavra divina e humana

O Concílio deu ao seu marcante texto o título de “Dei Verbum”, e a exortação pós-sinodal do papa Bento XVI é intitulada “Verbum Domini”: a palavra de Deus, do Senhor. São expressões metafóricas. Será que Deus fala? Trata-se da Palavra de Deus ou de uma palavra humana? A metáfora nos faz entender que se trata de ambas ao mesmo tempo, ou seja, de uma palavra humano-divina. Ora, como o processo da metáfora consiste em evocar um domínio mais próximo, concreto e familiar – o humano – para levar à nossa consciência o domínio inacessível do divino², devemos dedicar, prioritariamente, especial atenção à palavra humana, exatamente porque o falar humano se torna sinal e símbolo da comunicação de Deus. Sem valorizarmos a palavra humana, não podemos entender a profundidade do que se quer dizer com “palavra de Deus”. Em uma cultura que nos sufoca com palavras desvalorizadas, lembrando uma farmácia

¹ O termo evocava, inicialmente, a reevangelização da Europa secularizada, mas recebeu logo uma dimensão mais ampla e mais profunda. Cf. sobretudo a carta apostólica *Novo millennio ineunte* de João Paulo II, 2001.

² George Lakoff e Mark Johnson o chamam de domínio conceptual (*Metáforas da vida cotidiana*. São Paulo: Mercado de Letras, 2007). Em dissertação recém-apresentada, não publicada, na FAJE (Belo Horizonte), Luciana Cangussu mostra como os grandes simbolismos (do dom) de Deus do Quarto evangelho são metáforas conceptuais.

abarrota de frascos vazios, é difícil imaginar o que pode significar a metáfora “palavra de Deus”.

A simultaneidade humana e divina da “palavra de Deus” é evocada pelo Prólogo de João, que a aplica a Jesus Cristo, palavra de Deus feita carne (Jo 1,14). De modo análogo, podemos dizer que a Bíblia é a palavra de Deus feita livro (cf. KONINGS, 2010), e esse livro é o registro de Deus comunicando-se. Deus se comunica definitivamente numa vida humana: a de Jesus de Nazaré. Esta vida é Deus comunicando-se em gestos e palavras humanas, em reflexos de feitos humanos e de história humana. É o centro da “Palavra de Deus na história dos homens” (MESTERS, 1973).

A Palavra de Deus não inferioriza a realidade humana, mas a eleva. Articula-se em palavras humanas, apesar de suas limitações (DV, n. 13). Essas palavras humanas integram a Tradição viva da comunidade de fé. E esta Tradição tem sua expressão originária, escrita e referencial – porque materialmente registrada – na Bíblia, que é, ao mesmo tempo, fruto privilegiado e critério da Tradição viva. A Escritura é acolhida pela Tradição fundadora, mas, uma vez acolhida e reconhecida, torna-se o critério da própria Tradição em sua missão continuadora.

1.2 A Palavra que faz ser e que deixa ser

A “imagem e semelhança” de Deus no ser humano, de que fala Gênesis 1,26, talvez consista exatamente na palavra. E passando dessa “imagem” para o que ela significa, vemos que a Palavra de Deus não é uma palavra sobre o que existe. Ela é palavra que chama à existência, que faz existir. Tal é a visão da Carta aos Hebreus 1,3 e, sobretudo, do Evangelho segundo João 1,1-3. O Salmo 33,6 diz que “pela palavra do Senhor são feitos os céus e, pelo sopro de sua boca, todos os seus elementos”.

Nestes e noutros textos, a Bíblia nos ensina que a palavra de Deus é criadora. Ela não apenas descreve, designa, invoca, como faz a nossa palavra cotidiana, mas ela faz ser – ou deixa ser... pois que para “deixar” ser é preciso muito poder: o poder de criar espaço para o que vem a ser. Isso lembra a bela imagem da Cabala conhecida como *tzimtzum*: Deus se contrai, cria em si um útero para que a criação possa ser (KAPLAN, 1979)³. Ao poder paterno do mandar e fazer ser, Deus une o *réhem*, o útero materno, que abre espaço para a criatura, por Ele tratada com *rahamim*, amor entranhado, misericórdia. Tal é a grandeza do amor de Deus, de Deus em seu amor.

Todas as imagens que utilizamos para falar de Deus são antropomórficas, analogias tomadas de nossa própria experiência humana. Se Gênesis 1,26 diz que somos criados à “imagem e semelhança” de Deus, é porque imaginamos em nós algo que nos assemelha a Ele, embora Ele seja inimaginável. Penso que aquilo que nos faz semelhantes a Deus é nossa palavra criadora. Não no sentido de fazer surgir coisas *ex nihilo*, mas no sentido de dar espaço ao outro. Deus criou espaço para que viesse a ser o outro, que é a sua criatura. Inspirando-nos, de modo geral, na filosofia dialógica (Buber, Lévinas), entendemos que a nossa palavra tem potência de abrir espaço para a outra criatura, semelhante a nós e confiada a nós por Deus, num apelo a nossa responsabilidade, nossa solidariedade, nosso amor. Por isso, o rosto do outro é um vestígio de Deus, que passa diante de nós sem que possamos ver a sua face (KONINGS, 2008). O rosto do outro se apresenta a nós como um apelo da parte de Deus, o qual ninguém pode ver.

Ao dirigir com sinceridade a palavra ao outro, abrimos para ele um espaço, como Deus o fez para toda a criatura, especialmente a criatura humana. Até certo ponto, fazemos com que o outro venha a ser para nós. Quando alguém não nos interessa, dizemos que ele não existe, não “é” para nós. Quando, porém, nos deixamos afetar, “ferir” pelo outro (RIBEIRO JR, 2008, p.347-358), descobrimos

³ A imagem é citada com frequência pelos autores da filosofia dialógica. É descrita, e.o., por KAPLAN, 1979, cap. 2.

que somos maiores do que quando nos fechamos em nosso “eu” – assim como uma mãe se percebe maior à medida que seu útero cresce.

Essa palavra criadora torna humanas as nossas relações, que, sem ela, são coercitivas, possessivas, objetivantes. Essa palavra dialogal é o lugar da verdade e da liberdade, da *parresia*, como diz o Novo Testamento. A verdade não é aquilo que eu tenho na minha cabeça, mas aquilo que “se dá” entre nós, um evento que acontece entre o eu e o tu (BUBER, 2014, p.18-20). Em torno daquilo que “se fala” entre nós (o que é também um acontecer, um “fazer-se”), nós nos tornamos mutuamente sujeitos⁴. Mas essa relação é assimétrica – assimétrica a favor do outro, segundo o pensamento de Lévinas. Não se trata de dizer “eu sou igual a ti” e vice-versa, mas de intuir que “tu és importante para mim”, “tu tens a preferência” – e por isso damos ao outro um lugar em nossa existência, gratuitamente e com liberdade, sem sabermos como ele vai ocupar esse lugar. Damos-lhe confiança. Tal presença do outro é como uma ferida em minha identidade como autossuficiência. Por isso não devemos dizer, simplesmente, como Descartes: “Eu penso, portanto eu sou”. Antes, digamos que o outro me chama, me desloca para fora de mim, me “des-centra”; por isso, eu sou para o outro. Remédio santo contra o hiperindividualismo que reina na atual sociedade consumerista.

Quando falamos da palavra de Deus, nunca podemos dissociá-la de nossa própria palavra, de nossa experiência humana do falar, do chamar e do chamar-a-ser. Conhecemos Deus, analogicamente, a partir de nossa palavra dialogal. E assim, o Deus incognoscível torna-se nosso semelhante, presente em nosso existir, para que nós saibamos como Ele é: como Jesus de Nazaré.

A palavra de Deus não se pode separar da criação e da encarnação. Se, na criação, Deus faz ser, na encarnação de sua Palavra, Deus mostra como Ele é. Jesus, na hora do dom de sua vida, diz: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Aquele

⁴ Daí a importância dada por M. Buber ao “entre”.

que ninguém jamais viu, o Filho, que é Deus com Ele, nos ensinou a conhecê-lo (Jo 1,18) pela práxis do dom de sua vida, ou melhor, de sua vida-em-doação.

Se desconhecemos essa humanidade de Deus de que nossa palavra humana é capaz – *capax Dei* –, não poderemos intuir o mistério central de nossa fé. Falar da Palavra de Deus, que é Jesus, é falar de nossa palavra humana. A encarnação se deu em nossa carne humana, da qual faz parte constitutiva a nossa palavra (nossa capacidade linguística). Desconhecer nossa palavra humana é desconhecer a Encarnação do Filho de Deus. Quando Jerônimo diz que desconhecer as Escrituras é desconhecer a Deus (cf. DV, n. 25), ele está falando da palavra humana que acolheu em si a manifestação de Deus. Por isso é tão grave, tão profundamente antibíblico e anticristão, o descalabro da palavra na nossa sociedade atual, onde a palavra é esvaziada de sentido e de compromisso; e, muitas vezes, substituída pela imagem toda pronta da mídia, onipotente e elevada ao grau de divindade.

A centralidade da Palavra de Deus em nossa vida de anunciadores do evangelho não exige apenas que estejamos às voltas com Jesus Cristo e sua mensagem, registrada na Bíblia. Exige também que cuidemos de nossa palavra humana, de sua verdade e honestidade, de sua força expressiva e performativa, de sua exatidão e clareza. Pois ela pode ser “carne de Deus”(RODRIGUES, 2006).

Deus quis que sua Palavra, pela qual tudo criou, tivesse sua morada no meio de nós, para que contemplássemos a glória do Unigênito, cheio da graça e verdade de Deus (Jo 1,14), da qual participam os que creem nele (Jo 1,16). Aquele que é a Palavra de Deus é o mediador de sua graça e verdade e o resplendor de sua glória. Ora, a glória de Deus não é mero brilho, como o do ouro que mal se distingue do falso ouro, do ouro de tolo. A glória, o *kabôd* bíblico, é quilate, peso, substância; o brilho é acidente. No Êxodo, a glória é coluna de fogo durante a noite, mas coluna de nuvem durante o dia (Ex 14,20). E quando a glória de Deus desce sobre a tenda do Encontro de Deus e seu povo, ela é nuvem escura (Ex 40,34). A glória de Deus que enxergamos em Cristo se parece mais com a nuvem escura do que com o brilho, *dóxa*, dos homens (cf. Jo 5,44; 12,43). Por isso, a morte na cruz é

glorificação (Jo 12,32-33). Na “sombra gloriosa” da Cruz, na véspera de sua morte, Jesus exclama: “Quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Nisto consiste a glória: assim como é Cristo na Cruz, ao doar sua própria vida, assim é Deus. “Ninguém tem amor maior do que aquele que dá sua vida por seus amigos” (Jo 15,13). Por isso os místicos nos ensinam que se contempla a Deus entrando na nuvem escura.

1.3 A palavra de Deus e a *memoria Christi* na Bíblia

A Palavra de Deus não se reduz à Bíblia. Tanto a *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II como a *Verbum Domini* do papa Bento XVI (retomando o Sínodo dos Bispos de 2008) lembram que a Palavra de Deus é maior que a Bíblia (cf. VDom, n. 7). Ela tem muitos sentidos, é analógica. Não é só a Bíblia que é palavra de Deus: toda a criação fala dele. “Os céus narram a glória de Deus, o firmamento anuncia a obra de suas mãos” (Sl 19,2)⁵. O povo de Israel apontou isso em suas Escrituras: a palavra de Deus na criação e na história.

Já na leitura cristã das Escrituras, consumada no Novo Testamento, a palavra bíblica aponta, sobretudo, para a *memoria Christi*. O coração da leitura cristã da Bíblia é Cristo. Nesta óptica, as Escrituras de Israel falam de Deus que faz Cristo nascer no meio de nós (GUNNEWEG, 2003, p. 47)⁶. Isso não significa que a leitura judaica da Lei e dos Profetas não tenha sua hermenêutica própria (cf. VDom, n. 43), mas, para o olhar cristão, aquilo que Israel guardou tem sua plenitude em Jesus Cristo. A leitura cristã crente faz de Jesus de Nazaré o centro a partir do qual olhamos para trás, para a história vivida por seu povo na presença de Deus; e para frente, para a missão de sua comunidade.

⁵ Minha memória me traz à presença um texto do poeta flamengo Guido Gezelle: “Quando a alma escuta, tudo o que vive fala uma linguagem” (“Als de ziele luistert”). Em outro poema, descreve os movimentos dos girinos como o escrever do nome de Deus; ao poeta admirado, eles respondem: “Nós escrevemos, rescrevemos e escrevemos ainda o santo nome de Deus” (“Het schrijverke”).

⁶ Para Martinho Lutero, o centro hermenêutico do Antigo Testamento em leitura cristã é: “was Christum treibet” (cf. GUNNEWEG, 2003, p. 47).

Ora, essa *memoria Christi* não é a memória de um morto, mas de um vivo. “Por que procurais entre os mortos aquele que vive” (Lc 24,5)⁷. É memória pascal, que obriga a constante renovação. Jesus não está num sepulcro, nem numa câmara criogênica, mas no meio de nós, por sua ressurreição e por seu Espírito que vive em nós. Ele não quis um mausoléu; ele participa, em nós e entre nós, da vida que nós vivemos hoje.

Para que a leitura da Bíblia seja viva, ela não pode contentar-se em reconstruir o passado, pois nesse caso, diz o papa Bento, a própria Escritura tornar-se-ia um texto só do passado. Podem tirar-se dele consequências morais e saber histórico, mas então “a exegese já não é realmente teológica, mas torna-se pura historiografia, história da literatura” (VDom, n. 35).

1.4 A celebração da Palavra

A “vida” desta palavra viva se dá essencialmente na práxis cristã, que se pode resumir no mandamento do amor. Mas para marcar a primazia dessa práxis na mente dos cristãos e no horizonte do mundo, a comunidade celebra a memória dessa palavra viva na liturgia, ponto de referência da “simbólica cristã”.

A Palavra de Deus é viva. Viva é também a Palavra acolhida e guardada na celebração da memória Christi, o sinal cultural da Aliança nova e eterna. A Palavra é dada, novamente e para sempre, na celebração – que é “presença perene”. Aí a Palavra é dada para sempre, inclusive no sentido de ser confiada a nós para que a transmitamos. Transmitir traduz o latim *trádere*, “fazer tradição” – mas não aquelas tradiçõezinhas com que muitos, hoje, procuram enfeitar o vazio, mas Tradição viva e substancial.

⁷ Ponto de partida para o pensamento que exprime, por exemplo, Edward Schillebeeckx (*Jesus: a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008).

A celebração é o coração da Tradição, e a catequese, a instrução de seu sentido. Por isso, a catequese não pode limitar-se a um momento de preparação para a Primeira Comunhão (que, às vezes, é a última). O Documento de Aparecida (DA) insiste na catequese permanente. A catequese, aprendizagem da fé, nunca se esgota. Ela acompanha os sacramentos da iniciação que realizam a integração na comunidade de fé: Batismo, Crisma, Eucaristia. Ela não é mera preparação para a Eucaristia, ela continua acompanhando o discípulo quando ele é plenamente iniciado no mistério de Cristo pela participação na Eucaristia. A catequese é também mistagogia⁸, condução dos *mystói*, para aprofundar sempre o mistério em que foram iniciados. Com efeito, como o mistério é inesgotável e a vida sempre diferente, assim o “eco” (*katékhēsis*) da Palavra viva deve ressoar sempre de novo no mundo no qual vivemos nossa fé.

A própria liturgia nos oferece uma catequese permanente: a liturgia da Palavra. Não que a liturgia se reduza a uma catequese – certamente não a uma catequese doutrinadora e moralizante. Liturgia é sempre *mysterium*, celebração da Santidade insondável. Sem deixar de ser *mysterium*, a liturgia da Palavra lança mão do ensino que, mediante as Escrituras, dá eco aos grandes feitos de Deus para lhes aprofundar o sentido. A “mesa mais ricamente preparada”, anunciada pelo Vaticano II, na Constituição *Sacrosanctum Concilium* (SC, n. 51), e oferecida na subsequente reforma litúrgica, propicia um contato permanente com todos os elementos da fé. É a “catequese permanente por excelência” (KONINGS, 2005, p. 7; 15-16). Por isso, a liturgia dominical exige assiduidade e compenetração; não pode virar mera performance ocasional e barulhenta.

Neste contexto, percebe-se a importância da homilia, posta em primeiro plano na *Evangelii Gaudium* do papa Francisco (EG, n. 135-136), que reforça a insistência do papa Bento depois do Sínodo de 2008 (VDom, n. 59). Segundo o

⁸ Não convém dizer que a catequese precede a iniciação; as catequeses mistagógicas de Cirilo de Jerusalém dirigem-se aos já batizados. Na igreja pós-tridentina seguia-se à primeira comunhão a catequese de perseverança. Hoje se fala até de iniciação permanente.

apelo recente do papa Francisco, a homilia é uma ação litúrgica e “não pode ser um espetáculo de divertimento”; ela “não corresponde à lógica dos recursos midiáticos, mas deve dar fervor e significado à celebração” (EG, n. 138). Qualquer narcisismo do pregador ofusca o protagonista da ação litúrgica, que é o próprio Cristo. Por isso, apesar de sua importância, a homilia não deve ocupar um lugar que não lhe cabe, pois serve para realçar a ação litúrgica em sua totalidade. O papa Francisco lembra que *homileîn* significa conversar suavemente, como que em família. Lembra a conversa da mãe, “sabendo que o filho tem confiança de que tudo o que se lhe ensina é para seu bem, porque se sente amado” (EG 139). E cita como exemplo a exortação da mãe dos mártires macabeus a seus filhos (2Mc 7,21.27). É como a Sabedoria “suave e forte” (Sb 8,1), própria de um âmbito “materno-eclesial” (EG, n. 140). Usa fatos da vida, parábolas confiadas aos pequenos, não aos eruditos, a não ser que se tornem “pequenos”, como Jesus chama os discípulos (Lc 10,21//Mt 11,25)⁹.

Em torno da Mesa da Palavra, se recorda a palavra de Jesus (Evangelho), com suas raízes em Israel (1ª leitura) e seus efeitos na Igreja dos Apóstolos (2ª leitura); na Mesa Eucarística, rememora-se e presentifica-se o gesto pelo qual Jesus confirma a verdade de sua palavra no dom de sua vida até o fim. O apelo do Documento de Aparecida (DA n. 279) para uma formação permanente recebe, assim, uma resposta na celebração litúrgica. Não que a liturgia se reduza a uma catequese, mas “a liturgia bem preparada, celebrada e participada é a catequese permanente por excelência” (KONINGS, 2008, p. 7), porque ela torna presente o mistério que a catequese focaliza.

⁹ Costuma-se apontar na homilia três dimensões a serem articuladas entre si: a bíblica, a vivencial e a misteriosa. A dimensão bíblica realça a Palavra de Deus, nossa própria vida e a práxis de Cristo, rememorada como dom da Vida na Eucaristia. A dimensão vivencial ou existencial traz presente a atualidade individual e social. A dimensão misteriosa situa a compreensão bíblica e vivencial dentro do mistério de Cristo, dominante da ação litúrgica. Na dimensão misteriosa, os dois grandes momentos da celebração, a Mesa da Palavra e a Mesa Eucarística, se completam.

2 Evangelização: missão e transmissão

2.1 A difícil transmissão e a Palavra na Bíblia e na catequese

No mundo chamado ocidental – a Europa e suas expansões –, o cristianismo, especialmente a Igreja católica, está diante de um problema de transmissão, não só por falta de transmissores, mas por falta de “linguagem” (não de idioma) capaz de transmitir, no contexto de hoje, a realidade humano-divina de que falam as suas referências originais.

Voltemos ao ponto inicial: a transmissão do Evento Cristo. Os evangelhos unem intimamente a missão dos discípulos à ressurreição: em Mateus, na aparição pós-pascal na Galileia (Mt 28,16-20); em Lucas, nas aparições dos dias da Páscoa (Lc 24,44-49), prolongadas, depois, até a elevação ao céu e até a manifestação do Espírito, em Pentecostes (At 1–2). Em João, a missão dos discípulos é vista como continuação da missão de Jesus: “Assim como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21) – do mesmo modo como a vida no amor fraterno é continuidade do amor do Pai e do Filho: “Assim como o Pai me amou, também eu vos amei” (Jo 15,9). A missão é parte inerente da vida pós-pascal do cristão e tem as características do próprio Jesus: ser Palavra de Deus (cf. 1Ts 2,13).

É uma missão de transmissão da Palavra, em latim: *traditio*. Hoje, apesar de todas as técnicas de transmissão, percebemos uma enorme dificuldade para transmitir, por exemplo, a cultura, os valores em geral e, também, a mensagem evangélica. As gerações se encurtam; duram, se muito, cinco anos. Não são mais marcadas pelo ritmo biológico, mas pelo ritmo tecnológico. Não há mais conceitos fixos, tudo vira líquido (BAUMAN, 2009, p. 9). A geração jovem é reduzida e atomizada. Nem os pais, nem os ministros religiosos – inclusive, por falta de interioridade (MATTEO, 2015) – conseguem expressar sua fé de maneira que seja relevante para os jovens. Pastorais de jovens e grupos de catequese são poucos e reduzidos. Esmoreceram os grupos bíblicos de reflexão libertadora. As igrejas

protestantes históricas (luterana, presbiteriana, episcopaliana) se esvaziam, a não ser quando adotam o estilo carismático-pentecostal, para corresponder a certa sensibilidade atual, que facilmente para no emocional, sem provocar opções de pensamento e de práxis histórica.

É nesse contexto que devemos situar a “pastoral inteiramente bíblica” de que fala a *Verbum Domini* (VDom, n. 73). Não que tudo deva começar com um estudo bíblico explícito, mas a Bíblia, enquanto referência da tradição de que ela própria participa, deve fornecer o pano de fundo sobre o qual se perfila a consciência cristã, a fé cristã consciente. O Concílio Vaticano II, no Decreto *Optatam Totius*, e a *Verbum Domini* repetem a frase de Leão XIII e de Pio XII: o estudo bíblico é “como que a alma da teologia” (OT, n. 16; DV, n. 24; VDom, n. 31) (GONZAGA, 2015, p.201-236). Lembrando que alma, *néfesh* em hebraico, significa respiração, podemos dizer que nossa teologia e pastoral devem “respirar a Bíblia”. A Bíblia é a referência palpável da mais original consciência da comunidade cristã, palavra fascinante, ora por sua beleza, ora por sua força profética, ora por sua perspectiva mística, e sempre por ser *memoria Christi*.

A transmissão da fé não acontecerá fora desse envolvimento vivo e vivido da comunidade em torno da Palavra, que tem sua expressão referencial na Bíblia, especialmente no Novo Testamento¹⁰. A “transmissão” não consiste em passar adiante um pacote, mas em comunicar uma fé vivida (VILLEPELET, 2007, p. 137-148; CARMO, FERREIRA, 2014)¹¹. Sem uma comunidade que a viva, a Bíblia é letra morta. Sem o amor-caridade vivido pela comunidade, o “amai-vos uns aos outros” de Jesus pode ser entendido num sentido que nada tem a ver com o que Jesus quis dizer.

¹⁰ Como sugerimos acima, na leitura cristocêntrica a Bíblia inteira, Antigo e Novo Testamento, é considerada como *memória Christi*, porque a memória registrada no Novo Testamento é banhada na linguagem e na piedade do Antigo, sem o qual ele não se mantém em pé.

¹¹ A *fides quae creditur*, a “fé que se crê”, não é uma lista de fórmulas dogmáticas, mas o conteúdo de uma vida vivida em torno da Palavra de Deus, que é o próprio Jesus, presente na ação e na celebração da comunidade. A *fides qua creditur*, a “fé pela qual se crê”, a adesão a Cristo, é continuamente alimentada e transformada pelo que se vive na comunidade da fé (VILLEPELET, 2007, p. 137-148; cf. CARMO, FERREIRA, 2014)

A “verdade” da palavra bíblica (a verdade que “se faz”!) revela-se: 1º, de maneira fundadora, na práxis de Jesus; e, 2º, *a partir daí* (tanto em sentido temporal como em sentido “hermenêutico”), na Tradição viva da Igreja¹². Por isso mesmo, a *lectio* da Bíblia deve entrelaçar-se com a vida e a celebração da comunidade, à luz da percepção consciente do mundo de hoje, e isso sempre numa atitude dialogal, na qual se cria espaço para o outro e compromisso com aquilo que é justo aos olhos de Deus. Palavras vazias e distantes não servem para a Palavra.

Nesta perspectiva, uma catequese de conteúdos dogmáticos e morais tem pouca utilidade nos dias de hoje. Antigamente, talvez, a catequese conceitual e moralista tenha sido a sistematização didática de um espírito e uma prática supostamente presentes na sociedade homogeneamente cristã. Hoje, essa referência está ausente. A cultura vigente não manifesta mais os parâmetros cristãos. A catequese tem de reinstaurar a experiência cristã.

Só a iniciação, a imersão – “batismo” – na vida de uma comunidade viva e comprometida, unida pela *memoria Christi*, referenciada na Bíblia e celebrada na Eucaristia, reconstituirá o tecido da comunidade cristã. Isso, porém, não mais acontecerá em forma de uma cristandade sociologicamente dominante, mas em forma de células vivas, relacionadas em rede, presentes na sociedade e no mundo como o fermento na massa, como o sal da terra.

2.2 A missão reconfigurada

Antigamente, “missão” era entendida como *missio ad gentes*, por exemplo, aos gentios indígenas. Hoje, as “gentes” são os jovens da Avenida Paulista, e a missão deve estar encarnada no compromisso de justiça e paz para o mundo, em favor, sobretudo, dos pobres, dos jovens, dos refugiados, dos migrantes. Mas a

¹² Vale explicitar que a presença das Escrituras de Israel na Bíblia cristã tem a ver com esses dois momentos: a práxis de Jesus é sua “interpretação vivida” e do “sentido pleno” do ensinamento divino (a Torá) para o qual apontam “a Lei e os profetas”. E a Tradição cristã, por ser a interpretação continuada daquilo que Jesus viveu, guarda, juntamente com a memória dele, também as Escrituras que constituíam e continuam constituindo o horizonte de sua práxis interpretativa.

missão se dirige também aos piedosos católicos que nunca se converteram aos seus irmãos deserdados. A missão, hoje, inclui a própria “conversão pastoral” da Igreja, de que falam o Documento de Aparecida e o papa Francisco (DA, n. 365-372; EG, n. 25, 27, 32). E não devemos esquecer os grandes desafios que dizem respeito à enculturação ou, melhor, à interculturalidade (na aldeia global que é o mundo), ao diálogo interreligioso e à comum preocupação com a natureza e a sustentabilidade do mundo, como o papa Francisco lembra na sua recente encíclica *Laudato si’*.

No Documento de Aparecida, em parte retomado pela *Verbum Domini*, podemos apontar a iniciação à vida cristã e a catequese permanente (DA, n. 295 e seguintes). Na *Evangelii Gaudium* do papa Francisco, vemos o acento colocado na questão urbana e no secularismo, no sentido de mundanização (EG, n. 52-75). Tenha-se presente, contudo, a sadia secularidade cristã, que consiste em respeitar a autonomia do mundo que Deus criou e que constitui nosso campo de ação humana (LENAERS, 2010; 2014)¹³.

2.3 Missão de todos, alimentada pela celebração

A missão é “condição cristã” de todos (EG, n. 112-134). A propagação da fé e o anúncio do evangelho não podem depender das instituições clericais, mas são responsabilidade de todos os cristãos, por meio de uma evangelização “corpo a corpo” no contexto das culturas de hoje. Como esta vivência e transmissão da Palavra recebem sua alimentação por excelência na celebração da comunidade, o papa dedica preciosas páginas à *homilia*, na qual deve acontecer a articulação entre o mistério do amor de Deus em Jesus Cristo, a palavra bíblica e o contexto de nossa vida (EG, n. 135-139).

¹³ Cf. Vaticano II, Constituição *Gaudium et spes*, n. 309-311. O tema é retomado recentemente por LENAERS (2010 e 2014).

Esta evangelização, que é responsabilidade de todos, deve, pois, ser querigmática e mistagógica (EG, n. 163-173). Querigmática, porque parte do anúncio do Reino de Deus por Jesus e do subsequente anúncio, pela igreja, de Jesus como instaurador da realização definitiva do Reino de Deus (cf. KONINGS, 2011). Deve também ser mistagógica, no sentido de fazer penetrar sempre mais os já iniciados (os *mystói*) no mistério em que foram iniciados. É este o sentido profundo da catequese permanente, que tem seu ponto de referência na celebração, principalmente, da liturgia do Dia do Senhor (cf. KONINGS, 2009, p. 7).

2.4 Palavra evangelizadora que faz e deixa ser

Completando o círculo deste ensaio, voltamos à capacidade divina da palavra humana quando ela procura “re-presentar” o Evento Jesus Cristo no mundo, a palavra da missão evangelizadora da Igreja, firmemente enxertada na “Tradição viva” cujo tronco é a celebração litúrgica envolta da catequese querigmático-mistagógica.

Não poderá ser uma palavra asfíxiante, como acontece quando se impingem nas pessoas fórmulas criadas em determinado contexto histórico como expressão obrigatória da fé¹⁴. Pelo contrário, deve ser uma palavra convidativa, que revele a voz, muitas vezes silenciosa e escondida, da busca interior. Para dar carne a essa palavra convidativa ajudam muito as Ciências Humanas – literário-históricas, psico-pedagógicas, socioculturais – e, sobretudo, a atenção e o amor humano (cf. Tt 3,4) de quem se compromete com a missão evangelizadora. Trata-se de dar, sempre de novo, vida a uma Tradição, que não consiste em livros, registros ou rubricas, mas é uma realidade humana histórica, composta de pessoas e

¹⁴ Isso vale para as fórmulas dogmáticas: elas são referências do caminho histórico da fidelidade do crer, mas não necessariamente as palavras que “engatem” no modo como a busca da fé coloca suas perguntas hoje. E isso vale também para as Escrituras. A Igreja entendeu isso muito bem, ao conservar quatro formas de sua mensagem fundante, nos quatro evangelhos. A mediação entre as fórmulas conservadas na Tradição registrada e a Tradição viva da evangelização é a tarefa principal dos teólogos.

experiências de vida. “A Tradição somos nós.”, e por isso é preciso reinventarmos continuamente a nós mesmos e às nossas palavras e nossos gestos. Isso sem cair no perigo de reduzir tudo à mera expressão, que então toma o lugar da Tradição vivida. É o que acontece quando o midiático – que se refere aos meios – se torna o fim e toma o lugar do conteúdo.

Fique como lembrete: uma evangelização que deixe desabrochar as fontes profundas da personalidade, que faça e deixe viver os “pequeninos” a quem Deus destinou o mistério de amor de seu Filho Jesus (cf. Mt 11,25-27).

Conclusão

O documento de Aparecida, o Sínodo de 2008, a *Verbum Domini* de Bento XVI e a *Evangelii Gaudium* do papa Francisco atualizaram e ampliaram o pensamento do texto conciliar *Dei Verbum*, deixando claro que a Palavra de Deus não é só a Bíblia. A própria vida da Igreja hoje deve ser vista como missão de anunciar a Palavra viva.

Esta impostação ensejou a presente reflexão sobre a Palavra de Deus. Sendo palavra, ela é humana, o que é significado pela encarnação, ou “humanização”, da Palavra de Deus em Jesus de Nazaré. A palavra humana, ainda que por metáfora e analogia, é capaz de expressar a “economia” de Deus, especialmente quando ela é “dialogal” (no sentido da filosofia dialógica), criadora e reveladora como a palavra de Deus na criação e na revelação. Então ela cria espaço para o outro e revela o sentido humano.

Em sua humanidade, a palavra é divina. Isso vale especialmente para a *memoria Christi* que, formada no seio da Tradição como referência fundamental da fé cristã, vem “plenificar” as Escrituras pelo Novo Testamento. Esta Palavra de Deus é central na celebração – espaço da iniciação – bem como na transmissão

pela Tradição. A homilia e a catequese permanente são os meios para “guardar” e transmitir a palavra humano-divina que se exprime nas Escrituras e que se interpreta à luz da vida cristã vivida no mundo, na dialética de rememoração e práxis. Pois essa transmissão não é uma transmissão de fórmulas, e sim, da vida de fé vivida à luz da Palavra.

Quisemos evocar esta complexa interação do humano e do divino, da memória e da presença, da palavra e da práxis da fé, com a intenção, sobretudo, de valorizar a palavra humana autêntica e dialogal, a serviço da humanação da Palavra de Deus, divinização da palavra humana.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. São Paulo: Zahar, 2009.

BENTO XVI, Papa. **Exortação apostólica pós-sinodal Verbum Domini do Santo Padre Bento XVI ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre a Palavra de Deus na vida e na missão da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2010.

BUBER, Martin. **Eu e tu**. São Paulo: Paulinas, 2014.

CARMO, Solange Maria do; FERREIRA JÚNIOR, João. Catequese com jovens: desafios e esperanças. **Vida Pastoral**, São Paulo, v. 55, n. 299, p. 23-32, nov-dez 2014.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo da V Conferencia Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Paulus, 2007.

FRANCISCO, Papa. **Exortação apostólica Evangelii Gaudium do Sumo Pontífice ao episcopado, ao clero, às pessoas consagradas e aos fiéis leigos sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013.

GONZAGA, Waldecir. A Sagrada Escritura, a alma da Teologia. In: FERNANDES, Leonardo Agostini et alii. **Exegese, Teologia e Pastoral**: relações, tensões e desafios. Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-236.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **Hermenêutica do Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

KAPLAN, Aryeh. Understanding God. In: KAPLAN, Aryeh. **The Handbook of Jewish Thought**. New York: Moznaim, 1979, cap. 2.

KLOPPENBURG, Boaventura; VIER, Frederico. (Ed.) **Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1968.

KONINGS, Johan. **A Palavra se fez livro**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2010.

KONINGS, Johan. Deus que passa. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, v. 40, p. 243-250, 2008.

KONINGS, Johan. **Liturgia dominical: mistério de Cristo e formação dos fieis**, anos A-B-C. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

KONINGS, Johan. **Ser cristão: fé e prática**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

LENAERS, Roger. **Outro cristianismo é possível: a fé em linguagem moderna**. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

LENAERS, Roger. **Viver em Deus sem Deus?**, São Paulo: Paulus, 2014.

LÉVINAS. Emmanuel. **Humanismo do outro homem**. Petrópolis: Vozes, 1993.

MATTEO, Amando. Millennials contra baby boomers: uma análise da crise da fé hoje. Tradução de Moisés Sbardelotto . **Avvenire**, 01 jul 2015. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/544251>>. Acesso em: 06 jul 2015.

MESTERS, Carlos. **Palavra de Deus na historia dos homens**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 2 v.

RIBEIRO JUNIOR, Nilo. **Sabedoria da paz. Ética e teo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo: Loyola, 2008.

RODRIGUES, Jose Raimundo. **Jesus, carne de Deus: estudo teologico-exegético a partir de Jo 1,14a**. Belo Horizonte: FAJE, 2006 150 p. Disponível em: <www.faculdadejesuita.edu.br/documentos/031111-FAJE.doc>. Acesso em 23/06/2015.

SCHILLEBEECKX, Edward. **Jesus: a história de um vivente**. São Paulo: Paulus, 2008.

VILLEPELET, Denis. **O futuro da catequese**. São Paulo: Paulinas, 2007.